

**O herdeiro de José e os pesadelos do ser em *O evangelho segundo Jesus Cristo***

**Joseph's heir and the nightmares of being in *The gospel according to Jesus Christ***

Jefferson de Moraes Lima<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo**

Este artigo analisa a relação que se estabelece entre a personagem José e o protagonista de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, sobretudo no que se refere àquilo que Jesus recebe como herança. Nesse sentido, pensa sobre as possibilidades de representação das sandálias e dos pesadelos que, depois da morte de José, passam a acompanhar o filho do carpinteiro. A partir daí, reflete sobre o humano e o seu destino de acordo com o universo ficcional construído pela narrativa, pensando a respeito da heroicidade trágica do homem frente à ideia da culpa, que pode ser considerada como o tema central do evangelho saramaguiano.

**Palavras-chave:** José Saramago. O evangelho segundo Jesus Cristo. José. Ser. Trágico

**Abstract**

This article analyses the relationship established between the character Joseph and the protagonist of *The gospel according to Jesus Christ*, by José Saramago, especially about what Jesus receives as inheritance. In this sense, it thinks about the representation possibilities of the sandals and the nightmares that, since Joseph's death, accompany the carpenter's son. From there, it reflects on the human being and his destiny according to the fictional universe constructed by the narrative, thinking about the tragic heroicity of man in the face of the idea of guilt, which can be considered as the central theme of the Saramago gospel.

**Keywords:** José Saramago. The gospel according to Jesus Christ. Joseph. Being. Tragic

você marcha, José!  
José, para onde?

*Carlos Drummond de Andrade*

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [jefferson.morais.lima@uerj.br](mailto:jefferson.morais.lima@uerj.br), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1911-5153>

## Considerações iniciais

De acordo com o discurso defendido pela tradição cristã, pouco se sabe sobre José, ou mais especificamente sobre como teria sido a sua vida ou como (e quando) teria sido a sua morte. Defende-se que ele era descendente do Rei Davi, que era carpinteiro (cf. Marcos 13:55), que era esposo de Maria, que era pai adotivo<sup>2</sup> de Jesus e que muito provavelmente morreu antes de o filho iniciar a sua vida pública, de causa também desconhecida<sup>3</sup>. Apesar das lacunas que existem na Bíblia a seu respeito, ele é uma das figuras mais importantes para a Igreja Católica, que o considera como um dos seus principais santos. José, que é também venerado por outras denominações cristãs, como a Igreja Ortodoxa e a Igreja Anglicana, é uma das personagens mais importantes de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, como pretendo demonstrar neste artigo, pela relação profunda que estabelece com o protagonista.

## O homem de carne e osso

No evangelho de Saramago, José é retratado como um bom judeu, alguém dotado de muita fé e de uma profunda religiosidade. Para chegar a essa conclusão, basta que se observe o fato de que a personagem sempre cumpre com as obrigações da sua religião (guardando o sábado, visitando o templo de Jerusalém, fazendo sacrifícios a Deus, consultando os anciãos para a resolução de questões da vida familiar etc.). Além disso, tem o costume de agradecer e louvar a Deus, fazendo orações diariamente — e diversas vezes por dia. É o que se pode observar nos trechos a seguir, por exemplo, já no início do evangelho saramaguiano:

[...] Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que, pelo poder da tua misericórdia, assim me restituíste, viva e constante, a minha alma [...]

[...] Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que deste ao galo inteligência para distinguir o dia da noite [...]

[...] louvou a Deus por, em sua sabedoria infinita, ter formado e criado no homem os orifícios e vasos que lhe são necessários à vida, que se um deles se fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte [...]

[...] Louvado sejas tu, Senhor, *por isto, por aquilo, por aqueloutro* [...] (Saramago, 2017, p. 20-24, grifo nosso).

---

<sup>2</sup> Os cristãos acreditam que Jesus “foi concebido pelo poder do Espírito Santo” e que é “Filho Unigênito de Deus” (cf. Vaticano, 1566). Para a tradição, José sabia que Jesus não era seu filho biológico.

<sup>3</sup> Observem que José não aparece após o segundo capítulo de *Lucas* e não está presente no momento da crucificação de Jesus, quando este, sabendo que vai morrer, confia a sua mãe aos cuidados de um dos seus discípulos (cf. João 19:27). No entanto, como é de se esperar, o discurso da tradição cristã não é a única versão existente para a vida e a morte do pai de Jesus. De acordo com o texto apócrifo intitulado *A História de José, o Carpinteiro*, por exemplo, José teve uma vida longa, morrendo aos 111 anos de idade, de causas naturais (cf. Yousef, 2022).

Sendo herdeiro desse homem, a primeira coisa que Jesus receberia como herança, voluntária ou involuntariamente, é precisamente esta: a religião — que muitos, não enxergando grandes diferenças, chamarão também de fé. José também teria tentado deixar como herança para os seus filhos os conhecimentos do seu ofício<sup>4</sup>. A humildade da família fez com que ele não demorasse a instruí-los, “um após o outro”, na idade considerada correta, “nos segredos e tradições da arte carpinteira” (Saramago, 2017, p. 132), apoiado por conhecimentos do Talmude e por ditos populares. Ainda não havia, como o próprio narrador evidencia, a discussão do que hoje se configura como trabalho infantil.

Todavia, antes mesmo de ser pai de Jesus e esposo de Maria, antes mesmo de ser judeu, José, em Saramago, é aquilo que o filósofo espanhol Miguel de Unamuno chamaria de um “homem de carne e osso, [...] que nasce, sofre e morre” (Unamuno, 1977, p. 7, tradução minha). José é um homem, reafirmo, e um homem comum entre muitos outros. É um homem que trabalha, que dorme, que tem necessidades fisiológicas e que, inclusive, sente atração sexual e mantém relações carnavais com a sua esposa, Maria:

Como se se movesse no interior da rodopiante coluna de ar, José entrou em casa, cerrou a porta atrás de si, e ali ficou encostado por um minuto, aguardando que os olhos se habituassem à meia penumbra. Ao lado dele, a candeia brilhava palidamente, quase sem irradiar luz, inútil. Maria, deitada de costas, estava acordada e atenta, olhava fixamente um ponto em frente, e parecia esperar. Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já se vinha debruçando e procedia do mesmo modo com a sua própria túnica, e Maria, entretanto, abrira as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres. Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como *a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo*, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando *a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida*, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado. Tendo pois saído para o pátio, Deus não pôde ouvir o som agónico, como um estertor, que saiu da boca do varão no instante da crise, e menos ainda o levíssimo gemido que a mulher não foi capaz de reprimir [...] (Saramago, 2017, p. 24-25, grifos nossos).

Esse episódio — apesar de descrever o sexo com certo ar de sublimidade, sobretudo por apresentar como sagrados o “interior” de Maria e a “semente” de José, que o narrador também chama de “taça” e “fonte” da vida, metafórica e respectivamente — vai brutalmente de encontro àquilo que defende a tradição católica. Ao contrário do que é proclamado pela Igreja, de acordo com a qual Maria se manteve virgem mesmo após o casamento, não tendo, portanto, tido nem mantido relações sexuais com o marido ou com qualquer outro homem (cf. Holguín, 2021), no evangelho saramaguiano, a castidade de Maria (e de José) é forçada

---

<sup>4</sup> Apesar disso, José não teria vivido o suficiente para ensinar-lhes, de modo completo, as técnicas da carpintaria (cf. Saramago, 2017, p. 191).

única e exclusivamente pela gravidez, quando José não toca a esposa, mesmo assim olhando-a com desejo (cf. Saramago, 2017, p. 67-68).

Embora a sexualidade aflorada de José (e Maria) signifique muito, não diz tudo a respeito da sua humanidade. É bem certo que a narrativa nesse ponto já se revela capaz de desfazer minimamente aquela imagem quase divinizada que se cristalizou. Porém, Saramago vai além ao mostrar um José que quando dorme também tem os seus pesadelos, que é capaz de ter fé e ao mesmo tempo de ter medo, que é um homem como todos os outros porque morre (e que sabe que morre).

O destino desse homem parece estar selado. Basta observar alguns sinais bastante interessantes que se manifestam desde quando a personagem aparece pela primeira vez na narrativa. O primeiro deles é que, durante o momento em que o narrador apresenta essa personagem pela primeira vez, o galo canta três vezes e, ao contrário do que acontecia costumeiramente, não é respondido pelo canto dos demais galos da vizinhança:

Só tornou a acordar quando *o galo cantou*. A frincha da porta deixava passar uma cor grisalha e imprecisa, de aguada suja. O tempo, usando de paciência, contentara-se com esperar que se cansassem as forças da noite e agora estava a preparar o campo para a manhã chegar ao mundo, como ontem e sempre, em verdade não estamos naqueles dias fabulosos em que o sol, a quem já tanto devíamos, levou a sua benevolência ao ponto de deter, sobre Gabaon, a sua viagem, assim dando a Josué tempo de vencer, com todos os vagares, os cinco reis que lhe cercavam a cidade. José sentou-se na esteira, afastou o lençol, e nesse momento *o galo cantou segunda vez*, lembrando-lhe que se encontrava em falta de uma bênção, aquela que se deve à parte de méritos que ao galo coube quando da distribuição que deles fez o Criador pelas suas criaturas, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que deste ao galo inteligência para distinguir o dia da noite, isto disse José, e *o galo cantou terceira vez*. Era costume, ao primeiro sinal destas alvoradas, responderem-se uns aos outros os galos da vizinhança, *mas hoje ficaram calados, como se para eles a noite ainda não tivesse terminado ou mal tivesse começado* (Saramago, 2017, p. 21, grifos nossos).

Pode-se enxergar que esse trecho, embora contenha fatos que não estão presentes nos textos bíblicos, parece fazer uma rica alusão a um episódio que é relatado nos textos validados pela tradição cristã: Pedro, um dos discípulos<sup>5</sup> de Jesus, nega o seu mestre três vezes em um dos momentos mais dramáticos da vida de Cristo, quando este já havia sido preso e estava prestes a ser morto (cf. Lucas 22: 54-60). Do mesmo modo, o canto do galo no evangelho saramaguiano anuncia o início de um drama a ser vivido por José — futuramente experimentado por Jesus-personagem e contado por Jesus-narrador.

Há outro sinal importante que diz respeito ao destino de José: ainda nas primeiras páginas, após essa personagem ser introduzida na história — para ser mais preciso, duas páginas depois de o galo, solitário, ter cantado pela terceira vez —, José percebe algo

---

<sup>5</sup> Quiçá o mais importante para a história da Igreja, haja vista ter sido ele o primeiro Papa (ou Bispo de Roma), de acordo com a tradição católica.

diferente ao olhar para o céu, que por alguns instantes se mostrou vestido de uma “cor misteriosa”. Observe o trecho a seguir:

[...] Olhou José o céu, e em seu coração pasmou. O sol ainda tarda a despontar, não há, por todos os espaços celestes, o mais lavado indício dos rubros tons do amanhecer, sequer uma pincelada leve de róseo ou de cereja mal madura, nada, a não ser, de horizonte a horizonte, tanto quanto os muros do pátio lhe permitiam ver, em toda a extensão de um imenso tecto de nuvens baixas, que eram como pequenos novelos espalmados, iguais, uma cor única de violeta que, principiando já a tornar-se vibrante e luminosa do lado donde há-de romper o sol, vai progressivamente escurecendo, mais e mais, até se confundir com o que, do lado de além, ainda resta da noite. *Em sua vida, José nunca vira um céu como este*, embora nas longas conversas dos homens velhos não fossem raras as notícias de fenómenos atmosféricos prodigiosos, todos eles mostras do poder de Deus, arcos-íris que enchiam metade da abóbada celeste, escadas vertiginosas que um dia ligaram o firmamento à terra, chuvas providenciais de manjar-do-céu, mas nunca esta *cor misteriosa* que tanto podia ser das primordiais como das derradeiras, flutuando e demorando-se sobre o mundo, um tecto de milhares de pequenas nuvens que quase se tocavam umas às outras, espalhadas em todas as direcções como as pedras do deserto. *Encheu-se-lhe o coração de temor, imaginou que o mundo ia acabar, e ele posto ali, única testemunha da sentença final de Deus*, sim, única, há um silêncio absoluto na terra como no céu, nenhum rumor se ouve nas casas vizinhas, uma voz que fosse, um choro de criança, uma prece ou uma imprecação, um sopro de vento, o balido duma cabra, o ladrar dum cão, Por que não cantam os galos, murmurou, e repetiu a pergunta, ansiosamente, como se de cantarem galos é que pudesse vir a última esperança de salvação. Então, o céu começou a mudar [...] (Saramago, 2017, p. 23, grifos nossos).

O que o narrador evidencia é a existência de um dia incomum na vida de um homem comum. Naquele dia, o galo não cantou como costumava cantar, o céu também não era o mesmo, a atmosfera não era a mesma, e, ao contrário do que costumava acontecer, havia um silêncio absoluto ao redor. A mudança no céu quiçá represente uma mudança de perspectiva em relação ao mundo e às coisas, ou então o prenúncio da escuridão que, mais cedo ou mais tarde, figura momentaneamente nos céus de qualquer ser humano: a percepção da inevitabilidade da própria morte.

José sabe que vai morrer. O que se percebe nas páginas seguintes é justamente uma “atmosfera de morte” que o persegue ao longo da narrativa, por meio da qual se constroem terrenos férteis às mais ricas reflexões acerca da finitude da vida, como as que se podem ter a partir do episódio no qual José se depara com o túmulo de Raquel, uma das esposas de Jacó<sup>6</sup> (cf. Saramago, 2017, p. 90-91).

No evangelho saramaguiano, José é a representação máxima do homem que sabe que vai morrer, mas que deseja ser eterno — ou eternizado. A reflexão profunda que faz em frente ao túmulo de Raquel prova isso. A esposa de Jacó desejou tanto Benjamin, mas acabou perdendo a vida para que ele pudesse nascer. Ela estava condenada à morte, como um dia

---

<sup>6</sup> Jacó é uma das figuras de maior relevância para os judeus. Filho de Isaque, ele é neto de Abraão, o pai da grande nação que viria a se chamar Israel (cf. Gênesis 18: 18).

também morreria o seu filho, por um erro que nenhum dos dois jamais cometeu. Porque um filho, sob o viés apresentado no livro, é sinônimo de posteridade ou de prolongamento da vida dos seus pais, é que a percepção da inevitabilidade da própria morte e da morte do próprio filho é algo tão aterrorizador para José. Essa tentativa de prolongamento da vida dos pais por meio da vida dos filhos está intimamente ligada à concepção de eternidade que aparece no trecho seguinte:

[...] Quando entrou na cova, e ainda antes de informar a mulher de que tinha arranjado trabalho, José foi à manjedoura ver o filho, que dormia. Disse consigo mesmo, *Morrerá, terá de morrer, e o coração doeu-lhe*, mas depois pensou que, segundo a ordem natural das coisas, deverá ser o primeiro a morrer, e que essa morte sua, ao retirá-lo de entre os vivos, ao fazer dele ausência, dará ao filho uma espécie de, como dizer, eternidade limitada, passe a contradição, *a eternidade que é continuar ainda por algum tempo mais quando os que conhecemos e amamos já não existem* [...] (Saramago, 2017, p. 92, grifos nossos).

As reflexões de José a respeito da morte fazem com que ele perceba que, em relação ao seu destino, Deus o teria feito tão frágil ou indefeso quanto os animais que costumavam ser oferecidos como sacrifício no templo de Jerusalém, e que a sua morte talvez fosse tão pequena e irrelevante quanto a morte daquelas criaturas. (cf. Saramago, 2017, p. 99). Essa reflexão de José vai ao encontro daquilo que é dito a Jesus quando ele, decidido a olhar nos olhos das sombras mais cruéis do seu passado, depois de deixar a sua mãe e os seus irmãos e sair de casa, retorna a Belém e lá, aos treze anos de idade, depara-se — como se repetisse os caminhos de José — com um túmulo, o descanso final de vinte e cinco crianças inocentes:

No centro de um largo, onde, a um canto, há uma figueira ramalhuda, vê-se uma pequena construção cúbica que não precisa ser olhada segunda vez para se perceber que é um túmulo. Aproximou-se dela Jesus, deu-lhe uma vagarosa volta, deteve-se a ler as inscrições meio apagadas que havia numa das faces, e, feito tudo isto, compreendeu que tinha encontrado o que viera procurar. [...] Este túmulo, de quem é. A mulher apertou a criança contra o peito, como se a quisesse proteger de alguma ameaça, e respondeu, São vinte e cinco meninos que foram mortos há muitos anos [...] fique o Senhor contigo e te proteja, Já não tenho três anos, *À hora da morte os homens têm sempre três anos*, disse a mulher, e afastou-se (Saramago, 2017, p. 213, grifo nosso).

Nesse trecho do romance, há uma das reflexões mais profundas acerca da impotência do ser humano diante da morte. Quando a mulher, com quem Jesus se encontra em frente ao túmulo dos inocentes, afirma que todo homem sempre tem três anos de idade à hora da morte, o que está sendo dito é que todo ser humano é frágil, indefeso e inocente diante da finitude da própria existência. Além disso, o que se vê é um Jesus que não tem o menor prazer ou contentamento nas vinte e cinco vidas que se perderam para que ele se salvasse.

Nesse momento da narrativa, Jesus-personagem ainda não sabe, mas Jesus-narrador já tem pleno conhecimento de que a morte, que tem hora marcada com o homem, não se prende a detalhes nem tem o hábito de se atrasar. O narrador deixa isso evidente quando relata como foi o cortejo fúnebre do Rei Herodes, refletindo sobre a percepção de que todos os homens caminham para a morte: “aquelas tropas marchando atrás de um morto, mas

também em direcção à sua própria morte [...] por enquanto vivos, mas já à procura, todos eles, do lugar onde ficarão para sempre.” (Saramago, 2017, p. 119-120).

Ainda em relação a esse assunto, uma das razões para o sofrimento de José em relação à percepção da inevitabilidade da própria morte é a certeza de que deixará uma obra incompleta e que não verá o seu filho crescer. Essa reflexão vem acompanhada da análise que ele faz das reformas que ele estava ajudando a executar no templo de Jerusalém. Ele provavelmente era capaz de imaginar a sua obra — metáfora da própria vida — completa, em toda a sua extensão<sup>7</sup>, mas certamente não teria a possibilidade de ver essa obra perfeita<sup>8</sup> (cf. Saramago, 2017, p. 104). Nesse sentido, salvar Jesus do massacre determinado pelo Rei Herodes — que, após ter um pesadelo recorrente, ordenou ao comandante da sua guarda que fossem mortas todas as crianças de até três anos de idade (cf. Saramago, 2017, p. 105) — de certa forma seria, também, uma tentativa (fatalmente frustrada) de salvar a própria eternidade.

Outro momento em que se pode verificar uma reflexão profunda a respeito da crueldade da existência humana é quando Jesus, filho desse mesmo homem, tenciona ressuscitar o amigo — e cunhado — Lázaro, mas Maria de Magdala, companheira de Jesus, impede-o, sob o duro argumento de que a morte é uma experiência dolorosa demais para ser vivenciada duas vezes:

[...] Jesus disse-lhe, Teu irmão há-de ressuscitar, e Marta respondeu, Eu sei que há-de ressuscitar na ressurreição do último dia. Jesus levantou-se, sentiu que uma força infinita arrebatava o seu espírito, podia, nesta suprema hora, obrar tudo, cometer tudo, expulsar a morte deste corpo, fazer regressar a ele a existência plena e o ente pleno, a palavra, o gesto, o riso, a lágrima também, mas não de dor, podia dizer, Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá, e perguntaria a Marta, Crês tu nisto, e ela responderia, Sim, creio que és o filho de Deus que havia de vir ao mundo, ora, assim sendo, estando dispostas e ordenadas todas as coisas necessárias, a força e o poder, e a vontade de os usar, só falta que Jesus, olhando o corpo abandonado pela alma, estenda para ele os braços como o caminho por onde ela há-de regressar, e diga, Lázaro, levanta-te, e Lázaro levantar-se-á porque Deus o quis, mas é neste instante, em verdade último e derradeiro, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, *Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes*, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar (Saramago, 2017, p. 426, grifo nosso).

Apesar desse temor e desse lamento em relação à brevidade da vida, e embora reduza o homem a “pó e coisa nenhuma” (cf. Saramago, 2017, p. 17), a morte parece ser, paradoxalmente, pré-requisito para aquilo que se configura como o derradeiro recurso contra

---

<sup>7</sup> Aqui me lembro do que disse Michelangelo certa vez sobre o seu processo de criação: “Alguns têm olhos que não veem: mas em cada bloco de mármore eu vejo uma estátua — eu a vejo tão distintamente como se ela estivesse diante de mim moldada e perfeita na pose e no efeito. Eu somente tenho de desbastar as paredes da pedra que aprisionam sua amável aparição, revelando-a para outros olhos da forma como os meus já são capazes de enxergá-la.” (Michelangelo *apud* McGowan, 2015, p. 182, tradução minha).

<sup>8</sup> Isto digo na acepção radical da palavra, originada do latim *Perfectum*, isto é: “Acabado, terminado concluído, consummado, completo” (Saraiva, 1927, p. 870).

as dores da existência humana. É o que se pode perceber quando é narrado o momento em que Maria de Nazaré se depara com o corpo já sem vida de José:

O choro de Maria redobra quando ela repara na cruel torção das pernas do marido, na verdade não se sabe, depois de morrer, o que acontece às dores sentidas em vida, principalmente as últimas, é possível que com a morte se acabe realmente tudo, mas também nada nos garante que, ao menos durante umas horas, uma memória de sofrimento não se mantenha num corpo que dizemos morto, *não sendo mesmo de excluir ser a putrefação o último recurso que resta à matéria para, definitivamente, se libertar da dor* (Saramago, 2017, p. 168-169, grifo nosso).

## As sandálias da humanidade

Em se tratando da relação entre José e Jesus, a metáfora das sandálias é algo que não pode ser ignorado. Elas carregam consigo, na superfície da sua ideia, a promessa velada que ambos têm de morrer no caminho, sendo uma das heranças mais relevantes que José deixa para o seu filho.

Após encontrar o corpo insepulto de José, que foi crucificado pelo capricho dos romanos e pela indiferença do Deus a quem ele servia, Jesus resgata as sandálias do pai e, ao decidir usá-las, vê-se assumindo uma nova postura diante da vida. Com elas, o menino se assume como um homem, isto é, como um ser completamente humano: “Com as botas do meu pai também eu sou homem, ou, segundo versão mais radical, Com as botas do meu pai é que eu sou homem” (cf. Saramago, 2017, p. 169).

As sandálias herdadas por Jesus em dado momento podem ser vistas como objetos que provam a finitude da existência do pai e, ao mesmo tempo, servem como um símbolo forte da nova posição — de autoridade, mas também de sofrimento e de martírio — a ser ocupada pelo filho (cf. Saramago, 2017, p. 175-176).

Dono das sandálias que eram de José, Jesus agora é o chefe da casa, o novo “cabeça” da família. Já não é mais visto apenas como um rapazinho, mas passa a gozar de mais respeito e admiração por parte da sua mãe e dos seus irmãos mais novos. Quando, porém, vai ao deserto e lá se encontra com Deus, Jesus percebe que as sandálias de José estão demasiadamente gastas (cf. Saramago, 2017, p. 259). Aos dezoito anos de idade, Jesus não é mais capaz de usar as sandálias que eram do pai. Com elas, Jesus tornou-se um homem; sem elas, ele tornou-se um *eu*, caminhando nu e descalço pelo deserto, como Adão, que de acordo com a mitologia judaico-cristã teria sido o primeiro homem a andar sobre a terra.

Ele então faz novas sandálias para si, com peles e lã de ovelhas. Após o deserto, Jesus parece tentar refazer o próprio caminho e quem sabe viver as suas próprias dores e a sua própria morte, desvencilhar-se das suas heranças; mas há um trecho que evidencia que isso não será possível. O narrador torna evidente que Jesus, com os pés maltratados pela jornada no deserto, está intimamente conectado ao pai, pela experiência da dor:

[...] e nesse instante o sentimento de ausência, de falta, de solidão, foi tão forte que o seu coração gemeu, ali estava ele, sozinho, sentado na margem do Jordão, olhando os pés na transparência do rio e vendo manar de um dos calcanhares um leve fio de sangue, e lentamente mover-se entre duas águas, *de súbito não lhe pertenciam o sangue nem os pés, era seu pai que ali tinha vindo, coxeando com os seus calcanhares furados*, a gozar do fresco do Jordão [...] *os seus pés sangrando do sangue de seu pai* [...] (Saramago, 2017, p. 267-268, grifos nossos).

### Os pesadelos do ser homem

Se o homem se diferencia do animal pela capacidade de se desesperar, como diria Kierkegaard (cf. Kierkegaard 2010, p. 27), os pesadelos talvez sejam os sinais mais claros de uma humanidade que, paradoxalmente, não se quer mostrar à luz do dia, mas que muitas vezes quer se fazer visível na escuridão da noite.

Juntamente com a religião e as sandálias de José, Jesus herdou os seus sonhos perturbadores, que começaram na primeira noite em que o novo chefe da casa dormiu próximo aos objetos que também herdara do seu pai. Mas, antes de falar dos pesadelos de Jesus, falarei dos de José, para que se veja aí como estão conectados.

Para José, “[...] os sonhos são as lembranças que a alma tem do corpo [...]” (Saramago, 2017, p. 20). Têm alguma semelhança com os espelhos, sendo “[...] como a imagem do homem diante de si próprio [...]” (Saramago, 2017, p. 36). Além disso, o sonho é, para José, “o pensamento que não foi pensado quando devia” (Saramago, 2017, 141). Ao longo da narrativa, José faz essas e outras reflexões sobre o significado dos sonhos, dando pistas que talvez sirvam como chaves de acesso às possibilidades de interpretação para os pesadelos que desde o início visitam o sono dessa e de outras personagens.

Há um pesadelo que José tem de forma recorrente. Esse pesadelo, no qual José está a caminho de matar o próprio filho é, se for considerada a relação entre posteridade e eternidade sobre a qual já falei, o prenúncio do próprio fim:

[...] A meio da noite, José teve um sonho. Cavalgava por uma estrada que descia em direção a uma aldeia de que já se avistavam as primeiras casas, ia de uniforme e com todos os petrechos militares em cima, armado de espada, lança e punhal, soldado entre soldados, e o comandante perguntava-lhe, Tu aonde vais, ó carpinteiro, ao que ele respondia, orgulhoso de conhecer tão bem a missão de que fora incumbido, Vou a Belém matar o meu filho, e quando o disse despertou com um ronco abominável, o corpo crispado, torcido de terror, Maria perguntando-lhe, Que tens, que aconteceu, e ele, tremendo todo, só sabia repetir, Não, não, não, de repente a aflição desatou-se em choro convulsivo, em arrancos que lhe despedaçavam o peito [...] (Saramago, 2017, p. 116-117).

José vai morrer. Terá a morte como castigo. O crime? O crime de José aparentemente era ser humano. Talvez haja alguém a dizer que não, que o crime dele foi não ter alertado as mães e os pais dos meninos de Belém antes que eles fossem brutalmente assassinados pelos

soldados de Herodes. Mas, considerando as limitações que se impõem ao gênero humano na narrativa, percebe-se que o delito de José foi ser homem, isto é, um filho de Adão, impotente diante da morte e dos demais desígnios de Deus.

O pesadelo de Jesus e o pesadelo de José, essencialmente, são o mesmo; o que muda é a perspectiva: enquanto este sonha que está a caminho de matar o filho, aquele sonha que está a caminho de ser morto pelo pai. Observem:

[...] Sonho que estou numa aldeia que não é Nazaré e que tu estás comigo, mas não és tu porque a mulher que no sonho é minha mãe tem uma cara diferente, e há outros rapazes da minha idade, não sei quantos, e mulheres que são as mães, não sei se as verdadeiras, houve alguém que nos reuniu a todos na praça, e estamos à espera de uns soldados que nos vêm matar, ouvimo-los na estrada, aproximam-se mas não os vemos, nessa altura ainda não estou com medo, sei que é um sonho ruim, nada mais, mas de repente tenho a certeza de que o pai vem lá com os soldados, viro-me para ti, para que me defendas, embora não esteja seguro de que sejas tu, mas tu foste-te embora, e as mães todas foram-se embora, apenas ficámos nós, que então já não somos rapazes, mas meninos muito pequenos, eu estou deitado no chão e começo a chorar, e os outros choram todos, mas eu sou o único cujo pai vem com os soldados, olhamos para a entrada da praça, sabemos que entrarão por ali, e não entram, estamos à espera de que entrem mas não entram, e é ainda pior, os passos aproximam-se, é agora, e não é, não chega a ser, então vejo-me a mim mesmo, como sou agora, dentro da criancinha que também sou, e começo a fazer um grande esforço para sair dela, é como se estivesse atado de pés e mãos, chamo por ti, que te foste, chamo pelo pai, que me vem matar, e assim foi que acordei, esta noite e a outra. Maria arrepiava-se de horror, logo às primeiras palavras, mal percebeu o sentido do sonho, baixara os olhos aflitos, afinal, estava a acontecer o que tanto temera, contra todo o senso comum e a razão *Jesus herdara o sonho do pai, não exactamente da mesma maneira, mas como se o pai e o filho, cada um em seu lugar, o estivessem, ao mesmo tempo, sonhando [...]* (Saramago, 2017, p. 181-182, grifo nosso).

Nesse trecho, vê-se a complexidade dessa relação onírica estabelecida entre pai e filho. Nota-se que ambos se acham conectados pelo mesmo pesadelo, que aparentemente é uma herança a ser passada de pai para filho, provavelmente desde quando Deus fez Adão cair em sono profundo (cf. Gênesis 2: 21) ou, talvez, desde quando o próprio Criador resolveu descansar no primeiro sábado da história do universo (cf. Gênesis 2: 2-3). Todavia, Jesus deseja romper esse ciclo, não quer deixar a mesma herança, como se percebe pelo seguinte trecho: “Passa-me, Senhor, a mim, este sonho, que até ao dia da minha morte tenha eu de sofrê-lo em todos os instantes, mas o meu filho, não, o meu filho, não” (Saramago, 2017, p. 183).

Jesus tenta então dissociar-se da imagem do pai. Foge de casa, abandonando a mãe e os irmãos, e tenta construir o seu próprio caminho, dando início a sua própria “jornada do herói”. Apesar disso, leva consigo o alforje e as sandálias de José.

Jesus voltará a sonhar com o pai outras vezes, mas aos poucos o sonho vai ganhando diferentes contornos. Após o reencontro com o pai nas margens do rio — que não está

muito claro se se trata de uma visão ou de um fruto da imaginação de Jesus —, ele começa aos poucos a fazer as pazes com a própria história e passa a se identificar como filho do carpinteiro (cf. Saramago, 2017, p. 335). Mesmo depois de ser proclamado filho do Deus saramaguiano<sup>9</sup>, Jesus vê em José a sua figura paterna. Ele parece querer viver (e morrer) como José, ou seja, como um homem comum:

[...] Não estejas com rodeios, diz-me que morte será a minha, Dolorosa, infame, na cruz, Como meu pai, Teu pai sou eu, não te esqueças, Se ainda posso escolher um pai, escolho-o a ele, mesmo tendo sido ele, como foi, infame uma hora da sua vida, Foste escolhido, não podes escolher, Rompo o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer [...]  
(Saramago, 2017, p. 369).

### Jesus, um herói trágico?

A imagem de Jesus, na história da tradição cristã, é indissociável da ideia de herói. Para os cristãos, é ele o salvador do mundo, o redentor da humanidade, aquele que resgata o ser humano, reconecta-o ao Divino e lhe oferece a vida eterna. No romance de Saramago, em aparente — mas somente aparente — acordo com essa perspectiva, o próprio narrador assume que Jesus é o herói do evangelho saramaguiano:

[...] *Sendo Jesus o evidente herói deste evangelho*, que nunca teve o propósito desconsiderado de contrariar o que escreveram outros e portanto não ousará dizer que não aconteceu o que aconteceu, pondo no lugar de um Sim um Não, sendo *Jesus esse herói* e conhecidas as suas façanhas, ser-nos-ia muito fácil chegar ao pé dele e anunciar-lhe o futuro, o bom e maravilhoso que será a sua vida, milagres que darão de comer, outros que restituirão a saúde, um que vencerá a morte, mas não seria sensato fazê-lo, porque o moço, ainda que dotado para a religião e entendido em patriarcas e profetas, goza do robusto cepticismo próprio da sua idade e mandar-nos-ia passear. Mudará de ideias, claro está, quando se encontrar com Deus [...] (Saramago, 2017, p. 237-238, grifos nossos)

A jornada desse herói começa quando ele decide sair de casa, após a morte do pai, por volta dos treze anos de idade, e termina na cruz, no momento da sua morte. Nós, leitores, somos convidados a percorrer essa jornada juntamente com ele, que, muito mais do que herói da Humanidade, ou seja, reparador do gênero humano, deseja ser herói da sua própria humanidade, isto é, de si mesmo, da sua própria história. Nisso, revela-se como um verdadeiro herói trágico.

Para tornar mais clara a ideia daquilo que aqui chamo de trágico, recorro ao pensamento de Goethe, para quem o trágico está baseado em uma oposição irreconciliável (cf. GOETHE *apud* Szondi, 2004, p. 48). Quando essa oposição se torna reconciliável, o

---

<sup>9</sup> Não se sabe até que ponto o Deus saramaguiano está falando a verdade em relação à paternidade divina de Jesus. O narrador, em dado momento, parece sugerir que, embora Deus diga que Jesus é seu filho — talvez porque isso seja conveniente para os seus planos —, na verdade Jesus é filho de José (cf. Saramago, 2017, p. 376).

trágico desaparece; entretanto, essa reconciliação, capaz de pôr fim ao trágico, não depende do sujeito (cf. Szondi, 2004, p. 59). Como Szondi explica, o trágico possui uma dialética que se mostra no próprio ser humano, no qual “o dever e o querer tendem a se afastar e ameaçam a romper a unidade de seu Eu” (Szondi, 2004, p. 49). Em outras palavras, o homem sente a necessidade do desejo por aquilo que não tem o direito de desejar, entrando em um conflito que é insolúvel. Além disso, o trágico em Goethe também está na partida:

A motivação fundamental de todas as situações trágicas é o ato de partir [*Abscheiden*], e nesse caso não é preciso nem veneno nem punhal, nem lança nem espada; também é uma variação do mesmo tema o ato de se separar de uma situação habitual, amada, correta, seja por causa de uma calamidade maior ou menor, seja por causa de uma violência sofrida, que pode ser mais ou menos odiosa (GOETHE *apud* Szondi, 2004, p. 50, grifo do autor).

No evangelho de Saramago, Jesus aparece como um herói trágico-moderno<sup>10</sup>. Isso porque o seu heroísmo é precisamente o inverso do que se observa no herói convencional, que é mais capaz de vencer — e vence — as limitações da condição humana e que muitas vezes se torna um deus (a exemplo do que ocorre com o próprio Cristo, na visão dos cristãos em geral, segundo os quais Jesus é a segunda pessoa da chamada Santíssima Trindade). Em Saramago, Jesus é um herói essencialmente humano, que parece lutar (em vão) primeiramente para salvar-se, o que acaba por se revelar impossível, não sendo também capaz de evitar que as demais vidas se percam.

No evangelho de Saramago, Jesus aparece como alguém que deseja compreender quem é e o que deve fazer, ou seja, qual é a sua missão de vida. Essas são duas questões existenciais profundas que movem o homem desde que ele passou a rezar e enterrar os seus mortos. É o que se pode observar, por exemplo, no grande encontro que Jesus tem com Deus e o Diabo, em que ele explicita o interesse por essas duas perguntas, reconhece a paternidade de José e deseja assumir, sem reservas, a sua própria humanidade:

[...] Disse Jesus, Vim saber quem sou e o que terei de fazer daqui em diante para cumprir, perante ti, a minha parte do contrato. [...] Disse Deus, São duas questões, portanto temos de ir por partes, por qual queres começar, Pela primeira, *quem sou eu*, perguntou Jesus, Não o sabes, perguntou Deus por sua vez, Julgava saber, julgava que era filho do meu pai, A que pai te referes, *Ao meu pai, ao carpinteiro José* filho de Heli, ou de Jacob, não sei bem, O que morreu crucificado, Não pensava que houvesse outro, [...] Disseste esse pai, isso significa que há outro, Admiro-te, és um rapaz esperto, inteligente, Neste caso não foi a inteligência que me serviu, ouvi-o da boca do Diabo, Andas com o Diabo, Não ando com o Diabo, foi ele quem veio ao meu encontro, E que foi que ouviste da boca do Diabo, Que sou teu filho. Deus fez, compassado, um gesto afirmativo com a cabeça e disse, Sim, és meu filho, Como pode um homem ser filho de Deus, Se és filho de Deus, não és um homem, *Sou um homem, vivo, como, durmo, amo como um homem, portanto sou um homem e como homem morrerei* [...] (Saramago, 2017, p. 363, grifos nossos).

---

<sup>10</sup> “A modernidade heroica se revela como uma tragédia [...]” (Benjamin, 1989, p. 94).

Em relação à segunda questão que Jesus tem — sobre qual seria a sua missão —, o diálogo que se dá entre Deus e Jesus vai lançar luz sobre o heroísmo trágico da personagem principal, haja vista a impossibilidade de ela escapar do seu destino. Ao tomar conhecimento daquilo que lhe está reservado — morrer como mártir para atender aos planos ambiciosos de Deus de ampliar o seu domínio sobre o mundo —, Jesus quer romper com o divino em definitivo. Tendo já nascido como nasceram os filhos de todos os homens<sup>11</sup>, quer ele viver também como um homem comum, mas isso é impossível: Jesus não tem escolha; o destino que Deus reservou para ele é imutável, e a vontade de Deus é inflexível<sup>12</sup>. Qualquer caminho que Jesus tentar seguir no intuito de frustrar os planos de Deus invariavelmente o levará a cumprir a vontade divina. Eis aí a sua heroicidade trágica. Observe-se:

[...] Rompo o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer, Palavras inúteis, meu filho, ainda não percebeste que *estás em meu poder* e que todos esses documentos selados a que chamamos acordo, pacto, tratado, contrato, aliança, figurando eu neles como parte, podiam levar uma só cláusula, com menos gasto de tinta e de papel, uma que prescrevesse sem floreios *Tudo quanto a lei de Deus queira é obrigatório* [...] (Saramago, 2017, p. 369, grifos nossos).

Sob essa perspectiva, o evangelho saramaguiano parece colocar em xeque a ideia do livre-arbítrio, bastante difundida entre boa parte<sup>13</sup> dos cristãos. Pode-se compreender, a partir dessa narrativa, que não existe liberdade de escolha quando as aparentes possibilidades de ação (e desejo) são circunscritas pela implacável vontade de Deus<sup>14</sup>. A esse respeito, Gustavo Bernardo esclarece o seguinte:

[...] Se Deus me concede o livre-arbítrio, simplesmente não tenho livre-arbítrio para recusar o livre-arbítrio. Se Deus me criou livre para decidir entre o bem e o mal, não sou livre para não decidir: a liberdade que ele me concede é a liberdade nos seus termos, não nos meus; a liberdade que ele me concede é a liberdade de ser punido por ele — e com o inferno eterno — se não for bom nos estreitos termos do que ele entende por bondade, termos aliás aos quais eu não tenho acesso pleno (Krause, 2014, p. 181).

Essa possibilidade de compreensão, que abre espaço para a discussão da ideia de culpa, vai ao encontro da percepção de que o homem não é capaz de escapar do destino que lhe foi reservado por Deus, como demonstra o fragmento a seguir:

[...] nem sempre é assim, repetia, muitos houve que nunca saíram do lugar onde nasceram e a morte foi lá buscá-los, com o que se prova que *a única coisa realmente firme, certa e garantida é o destino*, é tão fácil, santo Deus, basta ficar à espera de que todo o da vida [sic] se cumpra e já poderemos dizer, Era o destino, foi o destino de Herodes morrer em Jericó e ser levado de

<sup>11</sup> “O filho de José e Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar, e chorará por esse mesmo e único motivo.” (Saramago, 2017, p. 81).

<sup>12</sup> “Tudo quanto a lei de Deus queira é obrigatório, as exceções também” (Saramago, 2017, p. 369).

<sup>13</sup> Não são todos os cristãos que defendem a tese do livre-arbítrio. Como exemplo desse fato, cito os adeptos do Calvinismo, que, tendo como referencial os ensinamentos do reformador João Calvino, defendem a ideia da predestinação.

<sup>14</sup> Os homens não passam de “miseráveis escravos da vontade absoluta de Deus” (Saramago, 2017, p. 312).

carroça para o seu palácio e fortaleza de Herodium, mas às crianças de Belém poupou-lhes a morte todas as viagens [...] (Saramago, 2017, p. 122, grifo nosso).

Se não podia mudar por completo o seu destino, Jesus ao menos teve a possibilidade de escolher a forma como morreria, e escolheu ser crucificado (cf. Saramago, 2017, p. 440). Desejou não somente morrer como um homem, mas ter exatamente a mesma morte que teve o seu pai, José. Por fim, ele teve a morte como herança, e, pela morte, pai e filho se acharam reunidos uma outra vez:

[...] Disseram os soldados a Jesus que se deitasse, e ele deitou-se, puseram-lhe os braços abertos sobre o patíbulo, e quando o primeiro cravo, sob a bruta pancada do martelo, lhe perfurou o pulso pelo intervalo entre os dois ossos, o tempo fugiu para trás numa vertigem instantânea, e *Jesus sentiu a dor como seu pai a sentiu, viu-se a si mesmo como o tinha visto a ele*, crucificado em Séforis, depois o outro pulso, e logo a primeira dilaceração das carnes repuxadas quando o patíbulo começou a ser içado aos sacões para o alto da cruz, todo o seu peso suspenso dos frágeis ossos, e foi como um alívio quando lhe empurraram as pernas para cima e um terceiro cravo lhe atravessou os calcanhares, agora não há mais nada a fazer, é só esperar a morte. Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida [...] (Saramago, 2017, p. 442, grifo nosso).

## Considerações Finais

O romance de Saramago, pela relação de cumplicidade que se estabelece entre José e Jesus ao longo da narrativa, oportuniza ao leitor uma releitura dessas duas figuras tão emblemáticas. Nesse processo de releitura, vê-se diante de ideias complexas que desde sempre inquietam e movem o ser humano, tais como culpa, destino, liberdade, morte e eternidade.

Na narrativa saramaguiana, pai e filho são homens de carne e osso, nos quais virtude e defeito, sonho e pesadelo, medo e coragem, heroicidade e tragicidade se mesclam, em um universo ficcional abstruso, muito distante da concepção binária (e por isso tacanha, limitada) que muitas narrativas — por vezes revestidas de uma autoridade que se coloca como absoluta e inquestionável — adotam para explicar aquilo que chamamos de realidade. Essas geralmente são as mesmas narrativas que, por privilegiarem uma visão extremamente fantasiada do mundo, deliberadamente buscam confiscar a mais importante das nossas heranças: o direito que temos de ser humanos, e nada mais.

## Referências

A BÍBLIA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**, v. 3. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

HOLGUÍN, Henry Vargas Holguín. Qual era a relação entre Maria e José? **Aleteia**, 18 mar. 2021. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2021/03/18/qual-era-a-relacao-entre-maria-e-jose/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano** (doença até a morte). Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. **A ficção de Deus**. 1. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2014.

MCGOWAN, Michel W. **The bridge: revelation and Its Implications**. Eugene: Pickwick, 2015.

SARAIVA, Francisco dos Santos. **Novissimo diccionario latino-portuguez**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1927.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. 2. ed., 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

YOUSEF, Boris (Editor). **The history of Joseph the Carpenter**. An Egyptian Christian apocriphal book. Prato (Itália): Edizioni Aurora Boreale, 2022.

UNAMUNO, Miguel de. **Del sentimiento trágico de la vida**. 6. ed. Buenos Aires: Losada, 1977.

VATICANO. **Catecismo da Igreja Católica**. Primeira parte - A profissão da fé. 1566. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/index-primaparte\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/index-primaparte_po.html). Acesso em: 15 abr. 2022.